

ESCRITOS E TRAVESSIAS: DO BRINQUEDO DE MIRITI AO CÍRIO DE NAZARÉ

Lídia Sarges Lobato¹
Joyce Otânia Seixas Ribeiro²

RESUMO

Somos sujeitos construídos, em razão da combinação efêmera dos diversos marcadores sócios culturais, imersos na multiplicidade de teia de significados, que atravessa-nos, enredando nossa subjetividade. Nosso objetivo é interpretar as experiências na esfera pública, considerando dois eventos, o Miritifest e o Círio de Nazaré, e seus efeitos na subjetividade de uma mulher artesã-chefe de brinquedo de miriti. O problema de pesquisa situa-se em compreender: Como os eventos culturais afetaram a subjetividade de uma mulher artesã de brinquedo de miriti? A metodologia escolhida foi a etnografia, desenvolvida durante 4 meses, em um ateliê de produção de miriti, no município de Abaetetuba, no estado do Pará. Neste cenário, mergulhamos na história da artesã ao encontro das experiências, dos eventos que subjetivaram, revelando uma trama de aceitação, negociação e resistência, entrelaçada pelos aportes teóricos dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero, com Canclini (2000), Clifford (1998), Hobsbawm (1984), Louro (2000; 2016), Scott (1995), dentre outros. Os resultados obtidos foram: a artesã atravessa as fronteiras entre o espaço privado e a esfera pública; dilui binarismos, reinventando-a, a partir da experiência com a diferença no interior do ateliê, tensionando a heterossexualidade compulsória; os eventos na esfera pública afetam a subjetividade, transformando seu corpo e mente.

Palavras-chave: Tradição. Cultura. Gênero. Brinquedo de miriti.

WRITINGS AND CROSSINGS: FROM THE MIRITI TOY TO THE CÍRIO DE NAZARÉ

ABSTRACT

We are constructed subjects, due to the ephemeral combination of different socio-cultural markers, immersed in the multiplicity of a web of meanings that crosses us, entangling our subjectivity. Our objective is to interpret the experiences in the public sphere, considering two events, the Miritifest and the Círio de Nazaré, and their effects on the subjectivity of a miriti chief toy artisan woman. The research problem lies in understanding: How did cultural events affect the subjectivity of a miriti toy artisan woman? The methodology chosen was ethnography, developed during 4 months, in a miriti production workshop, in the municipality of Abaetetuba, in the state of Pará. In this scenario, we delve into the history of the artisan to meet the experiences, the events that subjectivate, revealing a plot of acceptance, negotiation and resistance, intertwined by the theoretical contributions of Cultural Studies and Gender Studies, with Canclini (2000), Clifford (1998), Hobsbawm (1984), Louro (2000; 2016), Scott (1995), among others. The results obtained were: the artisan crosses the borders between the private space and the public sphere; dilutes binarisms, reinventing it, from the experience with difference inside the studio, stressing compulsory heterosexuality; events in the public sphere affect subjectivity, transforming your body and mind.

Keywords: Tradition. Culture. Genre. Miriti toy.

Data de submissão: 25. 08. 2021

Data de aprovação: 12. 04. 2022

INTRODUÇÃO

¹ Universidade Federal do Pará. E-mail: lidiasarges@yahoo.com.br.

² Universidade Federal do Pará. E-mail: joyce@ufpa.br.

“Escritos e Travessias: do brinquedo de miriti ao Círio de Nazaré” reúne recortes da minha dissertação de mestrado³ no ano de 2019, e oferece para o momento a oportunidade de refletirmos questões que por muito tempo foram se naturalizando e marcando nossas mentes e corpos, fazendo parte de nossas vivências, costumes, condutas e valores, incorporados e encenados na sociedade contemporânea.

A partir dos aportes teóricos dos Estudos Culturais e de Gênero, estamos pensando a cultura de outras maneiras, em um movimento de bricolagem (CALDEIRA E PARAISO, 2016), que permite criar e recriar, descartar estratégias e reconsiderar outras. Este estudo trata-se especificamente de uma etnografia, realizada em um ateliê de brinquedo de miriti.

Os Estudos Culturais é o estudo das culturas, sempre de modo contextual, na medida em que entrelaçam o político, o econômico, o erótico, o social e o ideológico, no conhecimento das múltiplas relações da vida. Sobre gênero, compreendemos enquanto categoria de análise que possui proposições fundamentais; ou seja, é um elemento constitutivo das relações sociais, além de ser uma maneira primária de relações de poder, Scott (1995).

A etnografia sofreu algumas reformulações no campo da Antropologia, pois a partir de 1960 surgiu uma nova corrente teórica denominada antropologia interpretativa, tendo Geertz como destaque, pela descrição densa, mais tarde chamada de hermenêutica. Em *Os argonautas do Pacífico Ocidental*, Malinowski, em uma narrativa complexa sobre a vida trobriandesa, revelou um novo modelo de coleta de dados e de trabalho de campo, validando cientificamente a observação participante, Clifford (1998). A etnografia está, do começo ao fim, envolvida com a escrita.

A etnografia foi desenvolvida no ateliê⁴ de brinquedo de miriti, situado na cidade de Abaetetuba, durante um período de quatro meses. O trabalho de campo etnográfico é considerado um método sensível, onde a observação participante é uma das peças principais que compõem a pesquisa (CLIFFORD, 1998). Além da observação participante, houve a conversação, captura de imagens, o diário de campo, todos esses elementos em prol da interpretação e da tradução cultural.

Nosso objetivo é interpretar as experiências na esfera pública, considerando dois eventos, o Miritifest e o Círio de Nazaré, e seus efeitos na subjetividade de uma mulher artesã-chefe de brinquedo de miriti. O texto está organizado da seguinte maneira: iniciamos nossa travessia pelas concepções de tradição, seguimos pela cidade de Abaetetuba e suas encantarias, além das representações no brinquedo de miriti, por fim temos a tradição ritualizada no Miritifest e no Círio de Nazaré.

1 TRADIÇÃO DO BRINQUEDO DE MIRITI

A tradição do brinquedo de miriti surgiu nas ilhas de Abaetetuba, conforme narrativas dos artesãos e artesãs, por iniciativas dos próprios filhos dos ribeirinhos, que não tinham acessos aos brinquedos industrializados. Assim, a bucha do miriti foi utilizada em uma das primeiras tentativas de modelar o brinquedo, devido sua leveza e facilidade de flutuar nas águas dos rios e igarapés.

Não demorou muito para os brinquedos coloridos e em miniatura começarem a enfeitar as procissões dos círios locais e de Nazaré em Belém do Pará, uma das formas de expressão que os promesseiros (homens e mulheres) encontraram para demonstrar seus agradecimentos às preces alcançadas, um ato de fé e devoção. Que são valores e

³ Dissertação de Mestrado: Currículo e seus efeitos na subjetividade de uma mulher-artesã do miriti, 2019.

⁴ O ateliê de brinquedo de miriti, assim denominado ao longo dos anos, é um espaço de criação, produção, e resistência. Na grande maioria, são casas antigas construídas de madeiras ou o que restou delas, transformadas em ateliê, localizadas nos fundos das casas, outros na faixa da rua.

comportamentos frutos dos discursos à priori históricos, que nos antecedem e se firmam na cultura, nas circunstâncias pela qual fomos colonizados, uma prática colonial.

Ao longo da história o conceito de tradição foi negligenciado pelo pensamento cultural marxista, visto como algo secundário, isso porque a “[...] ‘a tradição’ foi comumente entendida como um segmento relativamente inerte, de uma estrutura social: a tradição como sobrevivência do passado” (WILLIAMS, 1979, p. 118). Porém, essa versão de tradição como tão somente a sobrevivência do passado é frágil e, deste modo, Williams (1979, p. 118) nos apresenta outra versão de tradição: “[...] a tradição é na prática a expressão mais evidente das pressões e limites dominantes e hegemônicos. É sempre mais do que um segmento inerte e historicizado; na verdade, é o meio prático de incorporação mais poderoso”, as pessoas incorporam, vivem com seus valores no cotidiano.

Hobsbawm (1984) ressalta às vezes tradições que parecem antigas são bastante recentes, quando não são inventadas. Aqui tradição inventada está sendo acionada em sentido amplo.

Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWM, 1984, p. 9).

A tradição do brinquedo de miriti passou de geração para geração por meio da oralidade, encarregada de inculcar certos valores, normas de comportamentos, ideias e crenças. Entretanto, existe uma tentativa de estabelecer uma continuidade com o passado de respeito e glória, o que nem sempre é possível, haja vista que a tradição também é seletiva.

Deste modo, nem tudo da tradição sobreviveu nos dias de hoje, pois apenas alguns traços foram selecionados, enquanto outros foram deixados de lado. Williams (1979, p. 118) faz ponderação sobre tradição seletiva, pois se trata de uma “versão intencional seletiva de um passado modelador e de um presente pré-modelado, que se torna poderosamente operativa no processo de definição e identificação social e cultural”. Nesta mesma direção, Hobsbawm (1984) alega que as tradições inventadas estabelecem com o passado uma continuidade que pode ser bastante artificial.

Nesta perspectiva a tradição se configura, um aspecto importante da organização social e cultural na contemporaneidade, na manutenção do poder, da ordem e no interesse do domínio de uma determinada classe específica. É uma versão do passado ligada ao presente para ratificá-lo.

A tradição do brinquedo de miriti possui alguns elementos, aspectos estruturantes que são: a estética, os temas tradicionais e inovadores e a *produção generificada* (RIBEIRO, LOBATO E PINHEIRO, 2015).

A estética do brinquedo, a profusão de cores vibrantes, despertam olhares, deixando latente traço de rusticidade. Os temas tradicionais são aqueles brinquedos mais procurados pelo público em geral, que traduzem as cenas pitorescas da cultura Amazônica; os temas inovadores, por sua vez, são aqueles brinquedos produzidos em razão das influências da cultura globalizada, tecnológica e massiva, ou seja, o entrelaçamento e a tensão entre as culturas local e global, pois os artesãos e artesãs estão no entrelugar do encontro cultural, e por ele afetado.

No artesanato de miriti, a confecção é ancorada na crença de que existe o trabalho bruto e o trabalho leve, denominado de produção generificada: os homens ficam encarregados do corte-modelagem das peças, devido à periculosidade (do fio da faca que sempre ocasiona ferimentos nas mãos, criando uma variedade de representações culturais) e as mulheres ficam com as tarefas de pintura e acabamento, pois remete a uma suposta delicadeza, em razão,

suponhamos, da leveza do pincel sob as peças. A normatividade de gênero se faz presente definindo aquilo que cabe aos corpos masculinos e femininos.

A tradição sobrevive atravessada pela modernidade, em um período de mudanças, conflitos ou crise e, neste sentido, o ritual pode permanecer deliberadamente inalterado, de maneira a dar impressão de continuidade, comunidade e segurança, embora existam indícios contextuais esmagadores, Connadine (1984). Em contrapartida, o povo revive a tradição, as glórias de um passado, mesmo que este reviver venha sobre transformações outras. Temos então, uma tradição que dentro das possibilidades estabelece uma continuidade com o passado, que é parte significativa.

1.1 ABAETETUBA E SUAS ENCANTARIAS: REPRESENTAÇÕES NO BRINQUEDO DE MIRITI

Situada no vasto território de matas, águas, significados e vida cabocla, está Abaetetuba, uma terra de artistas como comenta Silveira (2012), lugar de efervescência de um saber-fazer que transcende as dicotomias que tentam separar cultura popular de cultura erudita, ou as atravessa, deslocando-as, redefinindo olhares e apontando novas perspectivas para pensarmos em produzi-la no contexto brasileiro e latino-americano. O viver caboclo torna-se uma referência, um viver e estar no mundo que mescla com a globalização cultural e econômica em sua expansão temporal sobre espaços outros, instaurando dilemas e possibilidades como uma tradição aberta ao diálogo com o novo e o diverso.

Abaetetuba é uma cidade típica do interior do Pará, localizada às margens do Rio Marataúira, com aproximadamente 160.439 habitantes, estimativa do IBGE/2021⁵. Contornada por 72 ilhas, seus rios e igarapés entrelaçam-se entre si revelando a paisagem mais sublime de um povo guerreiro, que ao amanhecer renova suas esperanças e no fim de tarde sonha com um amanhã melhor. Suas encantarias fazem fluir o imaginário Amazônico.

Conhecida no decorrer da história por múltiplas representações: *Pérola do Tocantins*, *Terra da Cachaça* devido a indústria de aguardente dos engenhos de cana de açúcar no início do século XX, *Terra das Bicicletas* em razão do grande número de bicicletas que circulavam nas ruas da cidade e pelo trabalho dos taxiclistas da época, que transportavam as pessoas por alguns trocados; *Capital Mundial do Brinquedo de Miriti* pela produção dos artesanatos de miriti.

Todas essas representações são marcas de um tempo histórico submersa no modo de vida caboclo. A cidade é por assim dizer um retrato da cena Amazônica, ribeirinha, porém, situada em um contexto histórico do século XXI, por um lado, marcada pelo tempo de profundas transformações, avanços tecnológicos, e por outro, apresenta traços, vestígios de uma cidade do interior, como representado na figura abaixo, pelos brinquedos de miriti, tais como: a canoa, transporte aquático muito utilizado pelos moradores das ilhas; ou até mesmo, as formas de trabalho dos povos tradicionais.

⁵ Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/abaetetuba/panorama>>.

Figura 1 - Brinquedos de miriti

Fonte: Lobato, 2017.

A origem histórica dos brinquedos de miriti está perdida no tempo vago da cultura oralizada na Amazônia, acentua Loureiro (2000). Através da lembrança e da oralidade a tradição do brinquedo de miriti transforma-se em vias criando asas para imaginação, revelando um desejo, uma lembrança, um modo de vida caboclo.

O brinquedo de miriti é a própria utopia de cidade encantada, encarnada na cidade da arte (GOMES, 2013). Seu colorido vibrante contagia, encanta e emociona crianças, adultos e idosos, despertando as vivências de um tempo passado.

Os brinquedos de miriti estão impregnados de uma artisticidade singular adequada ao material do qual é feito, representando a penetração dessa esteticidade nutrida no devaneio operativo e poetizante da vida amazônica. Revela uma sensibilidade instintiva participando objetivamente das formalizações da vida. O brinquedo de miriti é uma confluência dessas duas tendências que permitam converter em uma forma sensível o desejo de liberdade de espírito. O caráter lúdico convive com a beleza. O brinquedo de miriti, por sua aparência artística e sua destinação lúdica, é uma forma intercambial de jogo e de beleza. Mesmo porque, sendo arte um análogo do jogo, essa intersecção analógica constitui um dos fatores de legitimação do brinquedo de miriti como artesanato artístico (LOUREIRO, 2000, p. 373).

Os brinquedos de miriti estão imbricados nos laços da artisticidade, da estética que vislumbra e nutre a ideia da vida amazônica. Lugar de liberdade de espírito e de formalização da vida, ao mesmo tempo convive com os aspectos de ludicidade, do brincar e com a beleza da arte das representações.

Paes Loureiro (2000) ressalta que os usos dos brinquedos de miriti como brinquedo infantil passaram a ser apreciados agora nos museus, na decoração de ambientes públicos e privados, ou nas coleções particulares, havendo a conversão em brinquedos para serem contemplados e não somente para brincar. Convertem-se em objetos para adultos em um mundo sem idades, encenando uma transposição da conversão semiótica de artesanato em arte, por meio do qual cresce a função estética à medida que diminui a função lúdica. “Esse mundo sem idade guardado na memória da cultura originária e que constitui o lugar das

realidades imaginárias enraizadas na existência coletiva da sociedade amazônica” (LOUREIRO, 2000, p. 382) revela as raízes submersas, aflorando em atividade de cunho material e simbólico do imaginário.

2 A TRADIÇÃO RITUALIZADA NO MIRITIFEST E NO CÍRIO DE NAZARÉ

Eventos como Miritifest e o Círio de Nazaré possuem uma força integradora nos rituais, que personificam e refletem, sustentam e reforçam valores profundamente arraigados e generalizados entre o público, Connadine (1984). Os valores estão representados em várias peças: no casal de namorados, dançarinos, canoas, barcos, pessoas trabalhando, palafitas, roda gigante, animais; expressando os modos de vida.

A tradição é ritualizada no Miritifest e em alguns pontos específicos da cidade, inclusive no terminal rodoviário, um lugar de encontro e desencontros, chegadas e partidas. A figura acima é uma expressão cultural e de enaltecimento da tradição do brinquedo de miriti.

Para que as tradições sirvam de legitimação hoje, é necessário colocá-las em cena, Canclini (2000). A tradição é colocada em cena no Miritifest, nos pontos estratégicos e no Círio de Nazaré, Abaetetuba é o palco da bicentenária tradição do brinquedo de miriti, um artefato cultural que é considerado patrimônio cultural imaterial do estado, pela Lei Estadual 7.433/2010.

O patrimônio cultural é um conjunto de bens e práticas que nos identificamos como povo ou nação e apreciado como um dom, algo que recebemos do passado com tal prestígio simbólico, as únicas operações possíveis é preservá-los, restaurá-lo, difundi-lo, são a base mais secreta da simulação social que nos mantém juntos. Porém, não ocorre a quase ninguém pensar nas tradições sociais que expressam. A perenidade desses bens leva a seu valor inquestionável e torna-os fontes do consenso coletivo, Canclini (2000). Os bens culturais podem ser definidos pelos grandes centros históricos, músicas, festas, brinquedos de miriti, neste caso em específico o que está em jogo não é sua materialidade, o palpável, e sim suas múltiplas representações, o intangível.

O Miritifest torna visível o patrimônio e a tradição. O patrimônio cultural também funciona como recurso para produzir as diferenças entre os grupos sociais e a hegemonia dos que conseguem um acesso preferencial à produção e a distribuição dos bens. O brinquedo adquire vida social contribuindo com a renda familiar, tendo relevância tanto econômica quanto cultural.

O Círio de Nossa Senhora de Nazaré, por sua vez, é registrado como Patrimônio Imaterial do Brasil, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e o brinquedo de miriti é considerado elemento estruturante do círio, bem como a berlinda, a corda. É uma manifestação religiosa católica que ocorre anualmente desde 1793, em Belém, no estado brasileiro Pará. Nessa época há uma migração de fiéis para a capital paraense, para se fazer presente tanto na romaria fluvial quanto na procissão do círio.

Figura 2 - Círio de Nazaré em Belém

Fonte: Lobato, 2019.

O Círio de Nossa Senhora de Nossa Senhora de Nazaré, como representado na figura 2, possui uma força integradora, que reuni fiéis em uma devoção católica de várias partes do país. Uma prática cultural que transmite valores, ideias, trocas, conversas, sabores, viagens, encontros, que contagia, encantam, faz experimentar sensações circulando na esfera pública, subjetivando e transformando homens e mulheres. Bem como a artesã de brinquedo de miriti, que atravessa a fronteira do espaço privado e da esfera pública, de simples dona de casa, a artesã-chefe de miriti.

A subjetividade é constituída pelas múltiplas experiências de cada um, interpretados a maneira como o mundo lhe toca. A viagem à Belém por ocasião do Círio de Nazaré provoca linhas de fuga na produção da subjetividade, instaurando os processos de singularização, tornando-a uma mulher reconhecida na tradição de miriti.

Segundo Guattari e Rolnik (1996, p. 33) “a subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é social, e assumida e vivida, por indivíduos em suas existências particulares”. É como se os sujeitos estivessem em uma encruzilhada de múltiplos componentes de subjetividade, alguns inconscientes, outros mais do domínio dos corpos. Um corpo não para de se conectar a novos agenciamentos, o que faz com que mergulhe numa lista de afetos e sentidos (Rolnik, 1989). Em suma, os eventos do Círio de Nazaré, juntamente, com a feira do Miritifest marcam o processo de singularização a uma suposta experiência potente, que afetam a subjetividade da mulher artesã.

Figura 3 – Miniaturização da Procissão do Círio de Nazaré em miriti

Fonte: Lobato, 2019.

O Círio de Nazaré é uma procissão religiosa culminante do culto da padroeira dos paraenses, realizada todos os anos no segundo domingo de outubro. É uma espécie de apoteose da fé do povo do Pará percorrendo as ruas de Belém. Representa uma modalidade da síntese cultural, pela complexidade e diversidade de realidades e simbologias que constituem o seu processo e sua estrutura [...] É um poderoso aglutinador, em torno de uma generalizada ideia de identidade regional, constituindo-se um campo ritual de cruzamento de várias dimensões da vida social (LOUREIRO, 2000, p. 366).

As ruas transformam-se em um mar de gente, do céu cai chuva de papel picado e o vento traz consigo o aroma e os sabores do pato no tucupi⁶. Anjos vestidos de branco, azul e rosa surgem em meio à multidão, é um sinal de que a berlinda está se aproximando, a padroeira dos paraenses vai passando, acompanhada da corda⁷, dos promesseiros e girandeiros⁸, com sua graça vai renovando e abençoando por mais um ano as esperanças de um povo.

O brinquedo de miriti:

[...] circula pelas ruas em girandulas, sobre as cabeças como oferendas, gira e sacode nas mãos da criança, resguarda-se como imagem representativa daquilo que se convencionou chamar de cultura popular. Nas moradias, adorna e reduz. Viaja pelo mundo nas mãos daqueles que sabem que seu valor estético ultrapassa as fronteiras geopolíticas (SILVEIRA, 2012, p. 16).

⁶ Pato no tucupi é um prato típico da culinária paraense, faz parte do almoço com a família, um dos símbolos do Círio de Nazaré.

⁷ A corda é um dos símbolos, que sustenta a fé na padroeira dos paraenses, que requer muito sacrifício tanto físico quanto emocional.

⁸ Girandeiros são vendedores ambulantes de brinquedo de miriti, eles carregam girândulas, um suporte em forma de cruz feito com a bucha do miriti, nela os brinquedos é pendurado, expostos a venda, circulando em meio à multidão durante a procissão do círio.

O artesanato exprime as muitas formas de saberes-fazer gerando uma memória coletiva, dado que a criação e a potências dos brinquedos ultrapassam as fronteiras. “Toda a força simbólica que o objeto de miriti carrega consigo o consubstancial, ligando-os às paisagens ribeirinhas, ao lúdico e ao sagrado” (SILVEIRA, 2012, p. 15). Os brinquedos de miriti são uma epifanização de uma cultura amazônica submersa sob as camadas culturais que foram empilhadas na Amazônia, argumenta Loureiro, (2000). Uma cultura entrelaçada a outra, a cultura de gênero que coexiste na tradição do miriti, marcando os corpos com suas normas e valores instituindo modos de ser e de viver, no emaranhado de relações de poder e resistências. Isso, resistências a normatividade que dita os lugares que cada sujeito deve ocupar, não somente na produção do artesanato, mais também na sociedade em si e nas suas atividades.

Louro (2016) aciona Butler e nos diz que o gênero “[...] é a contínua estilização do corpo, um conjunto de atos repetitivos, no interior de um quadro regulatório altamente rígido, que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência a uma substância, a aparência de uma maneira natural de ser”. Na tradição, dentro dos ateliês há um quadro regulatório que controla as práticas e temas dos brinquedos, e que permite compreender que gênero é efeito de discursos, um discurso que nos antecede, que é histórico, porém, pode ser contestado, negociado, interpretado, resignificado, reinventado, e reinventando outros modos de ser e de viver.

Tal como, os processos de subjetivação da artesã de brinquedo de miriti, que transita entre o espaço privado e a esfera pública, corta e modela brinquedos, produz casais homoafetivos, consegue cruzar as fronteiras de gênero na tradição bicentenária ancorada na crença de que existe trabalho bruto e trabalho leve, naturalizado na divisão de tarefas, nas quais os homens ficam com as tarefas brutas (corte e modelagem dos brinquedos) e as mulheres com as tarefas consideradas leves (pintura e acabamento das peças em miniatura). Tradição essa, ritualizada no Miritifest e no Círio de Nossa Senhora de Nazaré.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho resulta de uma etnografia desenvolvida durante quatro meses, em um ateliê de brinquedo de miriti, localizado no município de Abaetetuba, no interior do Pará. Teve como objetivo, interpretar as experiências na esfera pública, que subjetivaram uma mulher artesã-chefe de brinquedo de miriti.

A partir do momento em que a tradição é ritualizada nos dois eventos destacados no texto: Miritifest e Círio de Nazaré. Há uma encenação de um desejo e de perpetuação da ordem por meio da repetição, que se ocupa de inculcar normas e valores, instituindo modos de estar em sociedade. Assim, as teias de significados vão se firmando nas raízes históricas, alicerçadas no tempo do capitalismo, no contexto da globalização. Entretanto, o sujeito pode interpretar as normas existentes, como também, pode organizar, resignificar.

Louro (2000) deixa claro que efetivamente estamos sempre fazendo isso, cada sujeito interpreta do seu jeito, continuamente as normas regulatórias de sua cultura, de sua sociedade. Porém, precisamos sempre que possível fazer os desvios, driblá-las e quem sabe, multiplicar possibilidades de ser, inscrevendo nos corpos diferenciações e marcas identitárias *outras*.

O campo de pesquisa permitiu experimentar o fazer etnográfico, e por meio da observação participante, de conversações, captura de imagem, foi possível constatar, que: a artesã atravessa muitas fronteiras, entre o espaço privado e a esfera pública; as fronteiras de gênero, borrando a tradição do brinquedo de miriti; dilui binarismos, reinventando-a, tensionando a heterossexualidade compulsória; e os eventos na esfera pública afetam a subjetividade, transformando seu corpo e mente.

REFERÊNCIAS

- CALDEIRA, Maria Carolina da Silva; PARAISO, Marlucy Alves. Etnografia Educacional e Análise de discurso: uma bricolagem metodológica para pesquisa currículos. **Revista e Currículum**, São Paulo, v. 14, n. 04, p. 1455-1526, out./dez. 2016.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução: Heloísa Souza Cintrão, Ana Regina Lessa. 3ª Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Organização José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- CONNADINE, David. Contexto, execução e significados do ritual: a Monarquia Britânica e a “invenção da tradição”, c 1820 a 1977. *In: A invenção das tradições*. Organização Hobsbawm. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- GOMES, Jones da SILVA. **Cidade da Arte: uma poética da resistência nas margens de Abaetetuba**. Tese (Doutorado). Belém: PPGCS/IFCH/UFPA, 2013.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografia do desejo**. 4ª ed. Petrópolis: 1996.
- HOBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições**. Org.: _____.Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Obras Reunidas**. Volume 4, São Paulo: Escrituras Editora, 2000.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogia da Sexualidade. *In: O corpo Educado: pedagogia da sexualidade*. Org.: _____. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- PARÁ (Estado), Lei nº 7433 de junho de 2010. Declara o brinquedo de miriti Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Estado do Pará e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado do Pará**, Belém, 30 de junho de 2010. Executivo 1, p. 1.
- RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas; LOBATO, Lídia Sarges; PINHEIRO, Delisa Pinheiro. **Brinquedo de Miriti: tradição, currículo cultural e relações de gênero**. Anais I Seminário Nacional Formação Pedagógica Pensamento Nômade: Experimentações Curriculares. 09 e 10 de abril, Rio Grande do Sul, 2015.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporânea do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul/dez, 1995.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu de. Miriti das águas, das Ilhas ... De Abaeté. *In: Miriti das Águas*. Pesquisa Etnográfica I Estudo da Coleção do Museu do Círio Aquisição de Acervo I Exposição Museológica, Outubro, de 2012.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: ZAHAR Editores, 1979.